11-02-2022

# MAR ÍNFIMO, AMOR MÁXIMO

## Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Gosto de relatar as minhas contendas farpadas com o mar.

Menino do sertão, ouvia maravilhas sobre o mar. Meu pai tratava de elevar ao máximo a significação do mar: "*o mar é infinito, misterioso, não há como medi-lo, a sua fundura é tamanha que, abaixo dele, não se sabe o que existe, talvez existam outros países e universos*".

Mas não era só o meu pai que cantava as maravilhas marítimas. As cartilhas do primário, as músicas-e o anedotário popular faziam os mesmos registros: "*o mar é a magnífica obra da natureza*".

Certa vez peguei o meu cavalinho (metafórico), arrumei a mochila e fui conhecer a realeza infinita. Quando abri os olhos foi uma decepção: achei o mar monótono, violento, sem angulação.

Calorento ao extremo. O mar, um animal feroz sem sovaco - ironizei. A decepção alimentou a interrogação: "é isso?". Forçando a visão como se os olhos caminhassem sobre a lâmina d'água - consenti nos primeiros contatos - chega-se a lugar algum, ou apenas num horizonte longínquo, estático e esfumaçado. Pouco dramático - esbocei. Tentei ver a lógica das ondas e elas sempre repetiam a mesma dança. O mar é isso? Por longo período fui desbravando os olhos que viam o mar com insurgente decepção. Mas aos poucos Ele saía da planície para o íntimo. De repente eu já fazia as preferências. Contando tudo, o tamanho, as inquietas ondas, as batidas, o reflexo do céu nas águas, o sal, o horizonte, eu tive preferência pela brisa.

Considerei-a cheirosa, amena e musical. Feminina.

Ela afigurava uma espécie de desfile do vento na orla alongada. Brisa, o nome correto - e belo - para identificar o gosto alegre da umidade no pulmão. Os eflúvios de hortelã com jasmim, algo agradável – agradabilíssimo. De repente, em outras tantas ocasiões, passei a perceber o nascer do dia num espectro reluzente.

Percebi a proeza ocasionada pelo encontro entre o sol matutino e a placenta horizontal das águas. Depois dediquei-me a brincar com a luz do poente roçando as costelas alongadas das ondas e a sua intrépida força sobre a areia. Comecei a entender os perigos e os segredos marítimos. Tratava-se mesmo de algo descomunal.

Para mim, a magnificência do mar aparecia, veja o paradoxo, a conta-gotas. Talvez seja assim, qualquer tipo de amor, qualquer tipo de sabedoria, qualquer tipo de pessoa. A vida toda é uma realidade a conta-gotas. Com passos lentos selava a paz entre mim e o mar.

Entretanto, ficava a pergunta: por que fui tomado por tanta decepção quando o vi pela primeira vez? .....

Descobri que minha briga com o mar era um sintoma fundo da minha constituição. Minhas origens - menino da roça goiana, filho de pai negro-indígena e de mãe ítala-sertaneja, migrante do tipo rural-urbano - estavam presentes na minha visão estética, não só na ação das retinas lançadas ao mar.

Estão presentes no meu rosto, nas formas dos gestos, na maneira de se lidar com o outro, nos passos tortos e descompassados; na fonética morosa e terrosa a qual obriga o interlocutor a se esforçar muito para compreender minimamente o que enuncio.

Aliás, certa vez criei um colóquio estético-imaginativo. Convoquei exímios conhecedores de estética. Nesse colóquio Chico Buarque foi certeiro: o que se lhe apresentava como mais bonito no mundo era um chute sem pulo de canhota. Mário Quintana, seguindo tantos outros, foi preciso: o que se lhe apresentava como mais belo era uma mãe parindo. Carlos Heitor Cony, com graça - e responsabilidade -, ajuizou que o mais belo do universo era a fornicação. Cecília, a Meireles, não teve dúvidas: o mais belo é uma tarde na roça. Me posicionei: o mais belo, indescritivelmente belo, irreparavelmente belo, é o reguinho do quintal da casa de meu avô "Rundo" e da minha vó Dina. Agora entendia: entre o mar e o reguinho preferia este. Era questão de fundamento. De raízes.

Em criança descia as escadas da imensa casa colonial da fazendinha de meus avós (nem era tão imensa assim), passava por uma mangueira entre um pé de conde e outro de seriguela, andava um pouco, e lá estava, cantante e sereno, mobilizado e transparente, um reguinho d'água que, proveniente de um açude à montante, logo mais, à jusante, caía num monjolo feito de aroeira. Prutimbum-prutimbum... Não sei dizer se a beleza do reguinho e a sua irresistível impregnação nos meus valores estéticos resultam do meu amor pelos meus avós. Geralmente o que se ama é belo; e o que é belo é uma correia para o amor. Não sei também se o júbilo da memória da infância rasga o tempo e, rasgando-o, monta a significação daquilo que se quer permanente: as alegrias da infância, fundamentos de uma vida psíquica para o resto e para o sempre. Sei que o reguinho do quintal dos meus avós foi uma base das minhas contendas com o mar, aliás, saneadas com o tempo.

Hoje eu amo o mar e incluo as suas margens constituídas de trabalhadores informais vendendo óculos sob o sol cáustico; imigrantes haitianos lutando pela vida; barraqueiros que alugam cadeiras; banquinhas de caipirinha e água mineral; crianças que rogam por esmolas ou que, dramaticamente, solicitam compradores de suas balas e biscoitos. E também cristais serenos de Neruda, ostras perdidas, peixes infames, o azul do céu em estado tremeluz, o horizonte furtivo abraçando nuvens esparsas, o sol tropical como a força do canto de Elis. Os mágicos castelinhos de areias feitos pelas mãos das crianças... As maravilhas do mundo, sob meu juízo, não podem ser fotografadas. Se podem, as suas significações correm apenas nas veias invisíveis da história dos sujeitos. Por isso, não se dão aos flashes. São posições éticas.

O reguinho da minha infância certamente é metáfora de uma identidade. Quem se originou no sertão, desde que não se renda ao comércio de beleza, tão importante ao mercado, funda os olhos nas ocas, nas grotas, nas sutilezas, na tortuosidade das árvores do Cerrado e nas imensas flores quase imperceptíveis.

Aliás, essa é a grande lição da poética de Manoel de Barros.

Quem se origina no sertão advém de uma vida custosa.

É fadado ao mar ínfimo de um amor máximo. ▪▪▪

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*